|  |
| --- |
| NOVOLOGO.pngNOME:\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_  Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_  **TEMA: OS PROBLEMAS DO BULLYING NO BRASIL**  EQM II - MATERIAL DE APROFUNDAMENTO DE IDEIAS |

**PROPOSTA TEMÁTICA 1 – SEMANA 1**

**TEXTO I**

***Bullying*** é um termo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos, causando dor e angústia e sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

# *Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying*

**TEXTO II**

No dicionário Webster, a definição é clara: bullying é tratar abusivamente, por meio de força ou coerção. É necessário, portanto, que o agressor seja alguém ou um grupo de pessoas com superioridade física ou mental que maltrate sua vítima de maneira intencional e repetitiva. É preciso diferenciar bullying de assédio, no qual não é necessária superioridade física e a coerção tem um objetivo claro, comumente a vantagem sexual. Outra situação diferente é o bullying cibernético, no qual não há contato físico. Em geral, a vítima não identifica seu agressor, o abuso não ocorre em tempo real e a vítima entra no espaço virtual por vontade própria. No ciberbullying, há outras abordagens.

Nas civilizações primitivas, o bullying era prontamente coibido pelo interventor que estava sempre próximo das crianças e não tolerava transgressões. Apesar de não escrita, a lei estava incrustada no comportamento automático das pessoas. Hoje, tudo está no papel, mas ninguém lê.

Agora, uma criancinha de 4 anos que conversa com a coleguinha na sala de aula vai para a cadeira do isolamento, enquanto um jovem de 16 anos pode arrebentar a cara do colega na sala de aula e o professor, com medo de ser agredido, finge não ver. Este é o problema verdadeiro: a punição do comportamento que é adequado e a tolerância do interventor ao comportamento antissocial que promove o bullying.

*Disponível em: http://www.cartacapital.com.br/saude/o-bullying-e-a-omissao*

**TEXTO III**

Antes tabu nas escolas, o bullying ganha cada vez mais espaço como tema de aula. Colégios apostam em estratégias diversas - de cartilhas a teatros - para prevenir e combater esse tipo de violência. Uma lei federal, que começa a vigorar nesta semana, vai obrigar toda as escolas a ter ações contra o bullying.

Além dos estabelecimentos de ensino, a nova regra vale para clubes e agremiações recreativas. Pais e professores também devem ser orientados sobre bullying - quando há perseguição sistemática, física ou psicológica, presencial ou virtual. Outra previsão é dar assistência psicológica e jurídica às vítimas e aos agressores.

Na maioria das escolas, as ações mais intensas são no ensino fundamental 2 (6.º ao 9.º anos), quando os alunos começam a adolescência. O Colégio Horizontes Uirapuru, em Cerqueira César, região central, usa psicodramas - pequenas dramatizações - para mostrar os efeitos do bullying aos estudantes dessa faixa etária.

“É eficiente porque um se põe no papel do outro - da vítima, do agressor ou de quem assiste”, explica Gabriela Martins, diretora da escola. A reflexão é feita após o teatro, com base em situações cotidianas propostas pelos alunos. Eles também discutem cartilhas e são estimulados a criar campanhas internas sobre o tema.

No Colégio Rio Branco, em Higienópolis, na região central, a ficção também é uma ferramenta de prevenção. Alunos do 7.º ano do fundamental criam filmes em stop motion para discutir o bullying. Com papelão, bonecos de plástico e massinha, eles filmam cenas que reproduzem casos de violência.

“Já vi aluno pedindo desculpas ao colega por reconhecer que fazia uma agressão desse tipo”, conta Jorge Farias, professor de Tecnologia e criador do projeto. “O principal objetivo é que eles proponham soluções.”

A versão online da violência é a que mais preocupa educadores. “Na rede social, eles se sentem protegidos, anônimos”, diz Farias. No Colégio Horizontes Uirapuru, uma professora acompanha a timeline de alunos nas redes sociais, para identificar possíveis problemas. O risco maior está em grupos fechados, como os de WhatsApp.

Nem todas as escolas conseguem identificar e resolver os casos de bullying. A enfermeira Geisa Araújo, de 44 anos, tirou o filho de um colégio particular da capital por causa da inabilidade da diretoria para tratar do problema.

Após uma cirurgia cerebral, o filho de Geisa, hoje com 10 anos, ficou mais lento e com excesso de peso. “Os colegas chamavam de ‘gordo nojento’ e isolavam”, conta. “No início, não acreditei nele. Só vi de fato quando passei a levá-lo todos os dias para a aula. Ele chorava, não queria ir para a escola.”

Revoltada com a omissão do colégio, que minimizou o caso, buscou outra escola, pública. “Eu me senti desamparada”, reclama. “Até hoje, não desgruda de mim para nada.”

A técnica de informática Letícia (nome fictício), de 40 anos, também reprovou a postura do colégio público onde o filho, de 14, estuda. “Em redações da escola, ele falava que sofria bullying e cortava os braços. Levei à escola e disseram que não podiam fazer nada”, diz.

Após pressão na Secretaria de Educação do município, no interior paulista, Letícia conseguiu que o filho trocasse de classe. A dificuldade de relacionamento do garoto também fez com que a família buscasse ajuda médica. A avaliação preliminar é de que ele tem autismo.

Segundo Marta Angélica Iossi, especialista em saúde escolar, é importante que as escolas deem voz às crianças e adolescentes. “Muitos adultos encaram o bullying como natural da idade. Mas, quando causa sofrimento, não é.”

Outra preocupação deve ser com o agressor. “Ele não deve ser punido, também precisa de ajuda. A maioria dos programas só olha a vítima”, aponta ela, da Universidade de São Paulo (USP) em Ribeirão Preto.

Para a psicopedagoga Maria Irene Maluf, é difícil lidar com os pais. “Muitos não veem a situação com clareza. Devem ser tratados ao lado da criança.”

O apoio entre colegas é outra tática para prevenir bullying. No Colégio Pio XII, no Morumbi, na zona sul, há um projeto de tutoria para integrar novatos ou quem tem dificuldades de relacionamento. Os tutores “apadrinham” e acolhem os colegas.

“Tinha medo porque ninguém me conhecia, os grupos já estavam montados. Mas elas (tutoras) me receberam muito bem”, conta Luisa Ferrari, de 12 anos, que entrou no Pio XII no meio de 2015, quando começou o projeto.

Na Escola Stance Dual, na Bela Vista, região central, serão criadas neste ano equipes de ajuda, formadas pelos próprios estudantes. “Os alunos vão indicar colegas em que confiam”, diz Ana Cláudia Esteves, orientadora educacional do fundamental 2.

O grupo será treinado para perceber quem está com problema. “É intermediário entre a criança que sofre e o adulto.”

Disponível em: http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,bullying-se-torna-debate-obrigatorio-nas-escolas-do-pais,10000015421

**TEXTO IV**

A aparência física é um dos principais motivos de bullying nas escolas, um problema considerado de saúde pública. O número de casos de jovens submetidos a situações de humilhação vem crescendo, de acordo com pesquisa do [IBGE](http://g1.globo.com/tudo-sobre/ibge/) sobre a saúde do estudante brasileiro.

Para quem sofre, não é brincadeira, não tem graça e pode deixar marcas. "Ficarem chamando de gordo, magro, julgar a aparência. Eu senti que meu coração ia cair", diz Maria Clara, de nove anos, vítima de bullying.

Karine Sales Braune é mãe de Maria Clara, que já teve problemas em três escolas. Eram sempre as mesmas ofensas gratuitas: “A reação dela é, às vezes, ficar quieta, se fechar".

A menina é amorosa e tímida. Ficou mais tímida nos últimos tempos, mas prefere perdoar os colegas. "Ela tenta relevar as coisas que acontecem com ela. Claro que magoa. Ela não quer tocar no assunto, pra ela, passou a dor, morreu o assunto. Ela abstrai, perdoa e não quer nem falar do assunto", relata a mãe.

A mãe pede para ela contar tudo sempre e conta com a ajuda da escola: “As outras duas escolas mal abordaram o tema. Nessa escola que a Maria está, eles resolveram prontamente a questão e eu acho que tem que ser assim".

Mesmo que muitos pais não saibam, esse sentimento é muito comum entre as crianças e adolescentes. Quase a metade dos alunos entrevistados na pesquisa (46,6%) diz que já sofreu algum tipo de bullying e se sentiu humilhado por colegas da escola. A maioria (39,2%) afirmou que se sentiu humilhado às vezes ou raramente e 7,4% disseram que essa humilhação acontece com frequência e entre os principais motivos está a aparência.

Comparando a pesquisa anterior, feita em 2012, o número de casos de alunos que relataram já ter se sentido assim no colégio aumentou. Em 2015, eram 46,6% dos alunos. Em 2012, eram 35,3%.

Uma escola no Rio de Janeiro tem um programa de combate ao bullying. São debates, aulas de arte que começa com os alunos entendendo o que essa palavra realmente significa. Eles estudaram inclusive a lei do bullying, que diz que o responsável pode até ser processado se o caso for comprovado.

Pela pesquisa, dois em cada 10 estudantes já praticaram bullying e as agressões partem mais dos meninos. Gabriel de Castro, de 14 anos, já sofreu e já praticou bullying, mas com entendimento, as coisas mudaram: “Fui aprendendo que essas brincadeiras que eu fazia não eram legais e isso magoava as pessoas".

Disponível em: http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2016/08/casos-de-bullying-nas-escolas-cresce-no-brasil-diz-pesquisa-do-ibge.html

|  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| ***LEVANTAMENTO DE IDEIAS – OS PROBLEMAS DO BULLYING NO BRASIL*** | | | | | |
| **DESENVOLVIMENTO 1 - CAUSAS** | | **DESENVOLVIMENTO 2 – CONSEQÛENCIAS** | |
|  | |  | |
| **ELABORAÇÃO DE POSSÍVEIS PROPOSTAS** | | | |
| **ESCOLA** | **GOVERNO** | | **FAMÍLIA** |

|  |
| --- |
| NOVOLOGO.pngNOME:\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_  Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_  **TEMA: RELAÇÕES SOCIAIS NO SÉCULO XXI E O INDIVIDUALISMO**  EQM II - MATERIAL DE APROFUNDAMENTO DE IDEIAS |

**PROPOSTA TEMÁTICA 3– SEMANA 1**

**TEXTO I: AS RELAÇÕES SOCIAIS ESTÃO MAIS LÍQUIDAS?**

Segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, o mundo atual vive um momento de frouxidão nas relações sociais. Isto quer dizer que, com o avanço da tecnologia no século XXI, as pessoas tendem a se relacionar mais por meio de aparelhos eletrônicos do que pessoalmente.

Hoje, vivemos o que os sociólogos chamam de amor líquido, já que nossas relações de afetividade tornam-se facilmente descartáveis. Assim, o verso do poeta brasileiro Vinícius de Moraes, “Que seja eterno enquanto dure”, encaixa-se perfeitamente ao que estamos vivendo nos dias atuais. Nesse sentido, as relações entre as pessoas estão cada vez mais vulneráveis e a realidade do mundo virtual proporciona a escolha de novos amigos e novos amores facilmente, ou melhor dizendo, num simples “clique” do computador. As identidades são forjadas a fim de chamar atenção das pessoas, pois vivemos a dicotomia entre mundo virtual e mundo real, em que um indivíduo pode assumir diferentes personalidades, mantendo relações pouco duradouras.

Essa fase de amor líquido representa um declínio das sólidas relações humanas, posto que por meio de aparelhos como as redes sociais, a amizade, o amor e o respeito entre as pessoas são facilmente descartáveis. Mesmo essas ferramentas virtuais sendo importantes para reencontrar antigos amigos ou conversar com algum parente que esteja distante, elas não substituem a realidade das verdadeiras sensações humanas de trocar palavras com a pessoa que você ama sem ser por meio da tela de computador.

O amor líquido vivido atualmente mostra o enfraquecimento de sentimentos importantes na conduta humana. O namoro virtual é um exemplo que retrata bem a ausência de valores que eram indispensáveis para um relacionamento entre duas pessoas. Possa ser que duas pessoas que se conheçam através de um namoro virtual passem a se encontrar pessoalmente, tendo um relacionamento duradouro, porém, em muitos casos, as relações virtuais são camufladas por personalidades falseadas de “amizade ou amor”.

A ausência de aspectos importantes para um bom relacionamento entre duas pessoas é promovida por essa realidade virtual em que vivemos no século XXI. Nessa virtualização das relações sociais, a construção da amizade ou do amor ocorre sem muitos obstáculos e são rapidamente substituídas por outras como se fossem informações sem valores. Diante disso, o que presenciamos em relação ao amor é que ele está sendo vivenciado de uma maneira mais incerta e duvidosa, pois nunca houve tantas opções de relacionamentos como presenciamos nas redes sociais e nunca houve tanta fragilidade e instabilidade em nossas relações como as vividas atualmente. Portanto, é nessa sociedade líquida que buscamos aquilo que existe desde o surgimento da humanidade, o amor.

DISPONÍVEL EM: <http://m.brasilescola.uol.com.br/historiag/relacoes-sociais-no-seculo-xxi.htm>

**TEXTO II: INDIVIDUALISMO – A DOENÇA DO SECÚLO XXI?**

Vivemos em uma sociedade assombrada pela correria do dia a dia, na busca desenfreada por realizar-se profissionalmente a fim de se alcançar um padrão de vida no mínimo confortável. Nessa sociedade prevalece a expressão popular “cada um por si e Deus por todos”.

Essa condição é fruto do contexto moderno globalizado, marcado pela economia neoliberal e pelo avanço tecnológico gigantesco que fomenta um processo de inovações no campo da informatização em uma velocidade meteórica. Dessa forma, a ciência torna-se, cada vez mais, indissociável dos processos produtivos, conduzindo o mundo do trabalho a uma gradativa substituição da mão de obra humana pela informatizada e robotizada.

Nesse mundo em mutação o trabalhador precisa estar em constante aprendizado, a fim de se adaptar e vencer seus concorrentes. Assim, como um meio de sobreviver e conquistar um espaço satisfatório nesse mundo, comumente o trabalho passa a ocupar o centro da vida das pessoas, enquanto a família e os amigos ficam em segundo plano. Neste contexto, muitas vezes os sentimentos e comportamentos mais naturais vão gradativamente perdendo o sentido, possibilitando a emergência das doenças psicológicas do mundo moderno: individualismo exagerado, solidão e depressão, muitas vezes resultantes da frustração humana.

Esse tipo de individualismo sai da esfera empresarial e industrial e se expande para todos os cantos do social. Nessa dimensão o individualismo, que poderia ser considerado uma característica humana responsável por fomentar o desenvolvimento da sociedade capitalista, vai se tornando um problema cada vez maior para esta mesma sociedade, conforme o individualismo se aprofunda demasiadamente.

Tal problema se agrava ao ponto de gerar inúmeras situações e atitudes negativas, principalmente: indiferença política; violência física e psicológica; falta de solidariedade; falta de consciência crítica e cidadã; abandono de pessoas e animais; comportamentos antissociais nos diversos campos do social (no trânsito, nas escolas, nos lares); necessidade excessiva de diminuição dos laços de amizades com os colegas, que passam a ser vistos como não confiáveis ou concorrentes; busca pelo anonimato; excesso de narcisismo e culto à beleza física; consumismo desenfreado, que muitas vezes está ligado mais à condição do ter do que à do ser; solidão, depressão e diversos tipos de intolerância.

Com essas afirmações não estamos, de forma alguma, colocando sobre o individualismo a responsabilidade por todos os problemas sociais expostos, pois estamos conscientes da responsabilidade das politicas públicas por essas questões; mas pensar que o individualismo exacerbado agrava tais problemas ajuda-nos a refletir melhor sobre nossa posição e responsabilidades dentro da sociedade e, principalmente, a repensar a importância de sermos mais tolerantes e solidários e, acima de tudo, a exercitar constantemente o ato de “se colocar no lugar do outro” em todas as situações.

DISPONÍVEL EM: http://propagandapoliticaeideologica.blogspot.com.br/2012/12/individualismo-doenca-do-seculo-xxi.html

**TEXTO III: UMA GERAÇÃO SEM GENTILEZA NO SECÚLO XXI**

*Em tempos de individualismo, quem tem atitudes gentis e cidadãs é visto com estranheza*

 Desde os primórdios, o ser humano busca ser o mais forte, o mais rápido, o mais poderoso. Porém, muitas vezes acaba se esquecendo de outras questões humanas importantes, como a gentileza. A gentileza pode ser definida como a capacidade de perceber uma necessidade de alguém e (ou) retribuir algo que lhe foi feito, sem ser pedido.

Atitudes como ajudar uma senhora idosa a subir no transporte público, ser cordial no convívio urbano ou até mesmo conversar com uma pessoa que parece triste ou cabisbaixa são alguns exemplos de atitudes gentis que não estão mais tão presentes na rotina das pessoas. Ao contrário, quando praticadas podem até se tornar estranhas ao olhar de pessoas que não estão mais habituadas a ser amáveis.

Para a professora de Filosofia da Universidade Metodista de São Paulo, Suze de Oliveira Piza, o problema está vinculado ao individualismo. De acordo com Suze, vivemos em uma sociedade com discursos e práticas em que as pessoas se preocupam apenas consigo mesmas. “Temos um individualismo exacerbado, ao mesmo tempo em que não encontramos os indivíduos refletindo sobre si”, explica. Para a professora de Filosofia, esse tipo de postura impede que os indivíduos sejam pessoas plenas e altruístas.

**Individualismo latente**

Segundo Suze, a falta de gentileza e o individualismo são fatores que se agravam através do tempo. “Com a busca cada vez maior por status social e financeiro, as pessoas acabam deixando em segundo plano as relações afetivas para priorizar a relação com o dinheiro”, afirma.

Antigamente, ter uma postura gentil era algo normal dentro de uma sociedade onde os cidadãos se relacionavam mais uns com os outros. As crianças, de todas as classes sociais, brincavam nas ruas e todos conheciam seus vizinhos de bairro. Atualmente, a distância entre as pessoas está mais latente e muitos dos relacionamentos reais foram substituídos por contatos virtuais.

Para a pesquisadora, a tecnologia e outros fatores como o aumento da criminalidade e do trânsito nas grandes cidades dificultam a relação entre as pessoas. “Essa situação se torna normal a partir do momento que é aceita de maneira generalizada. Naturalmente não é desejável que isso ocorra. O ser humano poderia, e deveria, viver uma vida muito mais plena”, afirma Suze Piza.

Para construir uma sociedade mais justa, cidadã e gentil é preciso retomar antigos hábitos. Atitudes como abraçar alguém, elogiar um trabalho bem feito, dar bom dia ao porteiro do prédio, ajudar o outro sem esperar nada em troca, são maneiras práticas e efetivas de exercitar a gentileza em todos os locais.

DISPONÍVEL EM: <http://portal.metodista.br/noticias/2012/outubro/uma-geracao-sem-gentileza-no-seculo-xxi>

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **RELAÇÕES SOCIAIS NO SÉCULO XXI E O INDIVIDUALISMO** | | |
| DESENVOLVIMENTO 1 – CAUSAS | | DESENVOLVIMENTO 2 - CONSEQUÊNCIAS |
|  | |  |
| **PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS (tecnologia)** | | |
|  |  | |
| **ELABORANDO POSSÍVEIS PRPOSTAS DE INTERVENÇÃO** | | |
|  | | |